

FRENTE NEGRA BRASILEIRA E A EUGENIA: IMIGRAÇÃO, MESTIÇAGEM E O EMBATE ENTRE MASCULINIDADES.

Henrique Restier da Costa Souza

Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP/UERJ) Email: Henrique.sociologia@gmail.com

Resumo

Têm-se como tema principal do presente artigo a dinâmica das relações raciais e gênero no Brasil, dentro desse escopo, o objeto a ser investigado recai no diálogo sobre as representações sociais de masculinidades negras na Eugenia e na Frente Negra Brasileira (FNB), a partir dos discursos produzidos pelos homens negros, em contraponto aos estereótipos raciais e de gênero elaborados pelos intelectuais eugenistas e seus simpatizantes. A abordagem sobre os movimentos negros brasileiros, apesar de tímida, já possui um relativo histórico de análises das mais diversas disciplinas, campos do saber e recortes, por outro lado, ainda é escasso o debate sobre as representações sociais que recaem especificamente sobre os homens negros e suas estratégias discursivas para enfrentá-las.

Palavras-chave: masculinidades; Frente Negra Brasileira; Eugenia; raça; gênero.

Introdução

Esse trabalho se debruça sobre os embates entre masculinidades¹ por prestígio, recursos e reconhecimento entre seus pares e/ou a sociedade como um todo. A principal pergunta que norteará esse artigo é: como as representações² masculinas negras se delineavam na Frente Negra Brasileira³ e no movimento eugênico⁴ brasileiro? Configura-se como principal objetivo, buscar as

¹ “Refutando concepções estáticas e reificadoras sublinha-se que a masculinidade é construída através das práticas. A masculinidade, ou melhor, as masculinidades, no plural, constroem-se em relação de dupla dominância, a da masculinidade sobre a feminilidade e a de determinado tipo de masculinidade (hegemônica) sobre outras. Uma forma dominante heterossexual, patriarcal compulsiva tem ascendente sobre outras subordinadas (como é o caso da homossexualidade) cúmplices ou mesmo marginalizadas (como acontece com minorias étnicas ou grupos socioeconomicamente excluídos). Estas configurações de práticas, embora plurais organizam-se então segundo uma lógica hierárquica que opõe a hegemônica sobre todas as outras” (REIS, 2010, p.4).

² Conjunto de saberes, valores da memória social, conhecimentos socialmente elaborados e partilhados resultantes da interação social e sustentados tanto por conhecimentos oriundos da experiência cotidiana como pelas reapropriações de significados historicamente consolidados em uma determinada sociedade e contexto histórico. (MOSCOVICH, 1978)

³ A Frente Negra Brasileira foi um movimento social e cultural de grande relevo na década de 30, formado em 1931 em São Paulo por Arlindo Veiga juntamente com José Correia Leite, se tornou partido político em 1936 e foi fechado em 1937 com o advento do Estado Novo.

⁴ A expressão eugenia (eu - boa, genus - geração) foi criado em 1883 pelo inglês Francis Galton (1822- 1911), primo de Charles Darwin. No Brasil a eugenia obteve grande legitimidade entre cientistas, intelectuais e políticos no início do século XX, sendo utilizada para explicar as desigualdades sócio-raciais e formular políticas para o progresso brasileiro baseado em aspectos étnico-raciais.

continuidades, ressignificações e rupturas com os discursos disseminados à época e entre os próprios movimentos. Outro objetivo é examinar as influências da Frente Negra Brasileira na formulação e composição de representações negras assertivas. Se por um lado, uma série de representações negativas se vincula ao homem negro desde o período escravocrata como: libidinoso, violento, indolente, hipererótico, emotivo, grotesco, degenerado, etc. rebaixando e inferiorizando o negro a uma “anatomia e corporeidade zoomórfica” (SANTOS, 2014, p.10), por outro, existe um rechaço a esses rótulos, tensionando e se contrapondo a esses clichês de diversas formas. São essas configurações, embates e mobilizações que constituem o cerne das contribuições propostas.

“É emasculando os outros homens que o homem branco heterossexual constrói e mantém sua hegemonia (Kimmel *apud* Cecchetto, idem), assim, é desqualificando os outros homens que a hegemonia é mantida, porém os outros homens, os que são apontados como portadores de uma masculinidade subalterna (negros, homossexuais, pobres, etc.) não assistem pacificamente a esta desqualificação. Eles reagem de diversas formas, que pode ser desde formas politicamente organizadas...” (RIBEIRO, 2009, p. 109, grifo nosso).

É através dessas formas politicamente organizadas que se debruça o artigo, Elisa Larkin Nascimento sustenta que no Brasil ainda “prevalece a imagem de uma comunidade negra com pouca tradição de luta anti-racista” (NASCIMENTO, 2008, p.95) se referindo a parca documentação e registro sobre essas organizações, principalmente na primeira metade do século XX. No entanto, a comunidade negra organizada conseguiu produzir movimentos e instituições complexas, plurais. Segundo a autora, a *imprensa negra* tinha como um dos seus papéis fundamentais justamente o confronto com essas noções arraigadas no imaginário social:

“... traduzia a recusa aos estereótipos de indolência, preguiça, criminalidade, deboche, falta de iniciativa-de inferioridade, enfim, - do negro. Os jornais da imprensa negra condenavam o alcoolismo e faziam um apelo à moralidade a à dignidade nas relações sociais. Tal postura reflete a necessidade de afirmar uma imagem limpa e positiva, de honrabilidade e polidez, contra a imagem estereotipada cultivada pelo racismo, do negro como selvagem. (NASCIMENTO, 2008 . p 99).

Evidencia-se uma estratégia “anti-estereotípi” por parte desses jornais, havia um nítido esforço desses agentes de se descolarem do discurso racista da época, através de determinadas condutas comportamentais. Os elementos privilegiados da investigação são os ideais e políticas imigratórias, da segunda metade do século XIX, à década de 30 do século XX, averiguando seu caráter eugenista, que assume como postulado a hierarquização racial⁵. Não serão focalizados os

[5] Raça no presente trabalho possui duas interpretações para melhor contextualização do conceito. Na virada do século XIX para o XX essa ideia estava vinculada a um aporte interpretativo biologizante, baseado no racismo científico que ainda tinha grande prestígio na época, já no contexto contemporâneo das ações afirmativas, raça está relacionado a uma construção social que hierarquiza os diversos grupamentos humanos, seguindo classificações arbitrárias baseadas nas ideologias vigentes na sociedade.

pormenores desse processo, mas destacar-se-á a matriz ideológica comum que guiaria essas ações: o branqueamento, com o objetivo de redução e/ou extinção dos grupos sócio raciais tomados como disgênicos e, portanto, um entrave às pretensões civilizacionais do país.

Metodologia

As fontes utilizadas para a pesquisa se concentram no jornal “A Voz da Raça” da FNB, quanto à eugenia, focalizam-se as “Actas e Trabalhos” do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia (1929), e o “Boletim de Eugenia” (1929-1933), criado por Renato Kehl, bem como algumas legislações que versam sobre imigração, além de buscar nas próprias palavras e trajetórias desses atores sociais esse enfrentamento.

Para tal empreitada será usada a análise de conteúdo, uma metodologia de pesquisa que se propõe descrever e elucidar informações de toda ordem, em diversos suportes como imagens, textos, documentos, filmes, fotografias, jornais, etc. Segundo Ana Luísa Janeira (1971), esse método contribui para esclarecer e (re)interpretar os conteúdos presentes nesses suportes, afim de alcançar um entendimento mais amplo e profundo de seus significados e propósitos, em consonância com o contexto, os personagens, intenções e ideologias implícitas dos produtores desses documentos e mesmo do próprio pesquisador. Com isso busca-se entender o conflito dissimulado (ou não) entre masculinidades hegemônicas e subalternizadas nas bases documentais produzidas pelos agentes sociais em debate.

Resultados e discussão

O aporte teórico pretende contribuir da forma mais incisiva e ampla possível no entendimento sobre as principais questões e objetivos levantados por esse trabalho. Dessa maneira, o conceito de falomaquia cunhado pelo antropólogo Rolf Ribeiro de Souza, define de forma precisa o enfrentamento das masculinidades por reconhecimento e distinção, “Esta disputa (maquia) pelo poder (phallus) e prestígio conferidos pela masculinidade entre homens negros e brancos é o que chamo de falomaquia” (SOUZA, 2013, p.40). Falo não se reduzindo somente ao pênis, mas também em referência aos símbolos de autoridade e poder que compõem as masculinidades.

Quanto ao exame dos estereótipos e representações sociais, Homi Bhabha, Stuart Hall e Frantz Fanon são referências básicas, o primeiro no seu livro *O local da cultura* (1998), traz ótimas contribuições sobre as características do estereótipo, como a ambivalência, o essencialismo sincrônico e o fetiche, além de compreender o estereótipo como a principal estratégia discursiva do

colonialismo que produz tanto o colonizado como o colonizador. Coadunando com as elaborações de Bhabha e estabelecendo vinculações instigantes com as relações de poder, estereotipagem e representações, Stuart Hall aponta a existência de um “regime de representação” e este regime “... inclui o exercício do poder simbólico através das práticas representacionais e a estereotipagem é um elemento-chave deste exercício de violência simbólica” (HALL, 2016, p.193). Finalmente, Fanon (2008) procura descobrir os fundamentos da aversão ao negro, além das circunstâncias e motivações da internalização dos estereótipos, pelos próprios, assim como, suas estratégias de luta por um viés de correlação de forças, quando afirma: “A inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Precisamos ter a coragem de dizer: *é o racista que cria o inferiorizado.*” (FANON, 2008, p.90).

Por esse ângulo, não se podem dispensar os estudos sobre a branquitude⁶ sob o risco de reproduzir a objetificação do ser negro, da qual Guerreiro Ramos (1995) já apontava na década de 50. Ao inserir os agentes sociais brancos em um campo de reconhecimento e posicionalidade nas relações de poder, que compõem o quadro teórico, pretende-se ressaltar o aspecto relacional das questões colocadas.

Os resultados preliminares desse artigo são de que os homens negros e brancos disputam os símbolos e atributos da masculinidade socialmente valorizada, e que apesar da subalternização imposta pelos últimos, os primeiros enriqueceram o debate sobre as relações raciais no Brasil, ao trazerem para a cena pública outros olhares, práticas, interpretações sobre si mesmos e sobre seu grupo social. Até que ponto isso foi feito pela FNB, de que forma elaboraram e desenvolveram suas estratégias discursivas, com quais demandas e objetivos e como eles se situavam em relação a outros grupos sociais, como homens brancos, mulheres negras e brancas serão algumas das questões que perpassarão o trabalho.

Conclusões

A partir das reflexões aqui apresentadas, não é possível inferir qualquer tipo de conclusão categórica, o que se pode perceber é que tanto o movimento eugênico quanto a FNB, foram movimentos de forte conotação masculina, que tanto através dos discursos e práticas, quanto na figura de seus líderes (fundamentalmente homens) buscaram na arena pública, se afirmarem porta

⁶ Branquidade e/ou branquitude seria “Primeiro um locus de vantagem estrutural, de privilégio racial. Segundo, é um ‘ponto de vista’, um lugar de onde nós brancos olhamos para nós mesmos, para os outros e para a sociedade. Terceiro, a ‘branquidade’ refere-se a um conjunto de práticas culturais, que geralmente não são marcadas nem denominadas”. (FRANKENBERG, 2004 p. 81)

vozes de seus respectivos grupos, utilizando muitas vezes categorias masculinas (tanto de emasculação como de virilidade) de representação social como: racionalidade, independência, controle, iniciativa, autoridade, passividade, resignação, indolência, preguiça, submissão, etc. Esse dinâmico repertório se insere tanto nas publicações e discursos eugênicos, como no *A Voz da Raça* e na fala de suas lideranças, em uma verdadeira “guerra discursiva”, buscando cada um à sua maneira legitimarem suas narrativas perante a opinião pública. A eugenia enquanto ciência do progresso e civilização, e a FNB como organização social anti-racista e de integração do negro.

Referências

- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- FRANKENBERG, Ruth. A miragem de uma branquidade não marcada. In: VRON WARE (org.). **Branquidade: identidade branca e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.
- JANEIRA, Ana Luisa. **A técnica de análise de conteúdo nas ciências sociais: natureza e aplicações**. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224260109P6yXY4bm6Vt51JF8.pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2016.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). **Cultura em movimento: Matrizes africanas e ativismo negro no Brasil**. São Paulo: Selo Negro. 2009. p.93-178.
- RAMOS, Guerreiro. **Introdução Crítica à Sociologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.
- RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. **Homens negros, Negro homem: para discutir masculinidades negras na escola**. São Paulo. 2015. Disponível em: http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2015/11/Homens-negros-Negro-homem-para-discutir-masculinidades-negras-na-escola_AlanRibeiro.pdf. Acesso em: 15 de janeiro de 2016.
- REIS, Rute Rodrigues dos. Masculinidades e famílias negras: algumas imersões necessárias. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero IX – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. **Anais Fazendo Gênero IX**. Florianópolis, S.C. 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278279518_ARQUIVO_Artigo.pdf.

- ROSA, Waldemir. Observando uma masculinidade subalterna: homens negros em uma democracia racial. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero VII - Gênero e Preconceitos, 2006. **Anais Fazendo Gênero VII**. Florianópolis: Editora Mulheres, v. 1. p. 1-7, 2006.
- SANTOS, Daniel dos. Ogó: encruzilhadas de uma história das masculinidades e sexualidades negras na diáspora atlântica. **Revista Universitas Humanas**, Brasília, v.11, n.1, p.7-20, jan/jun. 2014.
- SOUZA, Rolf Ribeiro de. Falomaquia: Homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente. **Revista Antropolítica**, n.34, p. 35-52, 2013.